

Para Funaro, maior problema na renegociação é Clube de Paris

por Cláudia Safatle
de Brasília

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, está convencido de que os bancos privados, credores do Brasil, aceitariam uma renegociação da dívida externa em termos plurianuais, sem o monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI). A resistência maior está no Clube de Paris, onde estão reunidas as dívidas de governo a governo, identificou o ministro, em entrevista ontem, após retornar dos Estados Unidos e ter despacho com o presidente da República.

Funaro deixou claro seu objetivo agora, na condução da renegociação da dívida externa. Primeiro, fazer um acordo definitivo com o Clube de Paris, já que os pagamentos estão sendo realizados mediante uma atitude unilateral do governo brasileiro desde maio último. E, nesse ponto, "é importante definir a volta dos créditos oficiais, dos 'eximbanks', para se ter um entendimento entre as nações". Em segundo lugar, o ministro deseja reescalonar o estoque da dívida externa em termos multianuais, para encerrar a discussão permanente com os banqueiros internacionais, a cada ano, num

processo exaustivo que compreende o convencimento e a adesão de aproximadamente setecentos credores, espalhados pelo mundo.

Apesar de entender que existe um processo a cumprir, uma espécie de ritual, Funaro admitiu a possibilidade de haver uma renegociação separada, independente, com os banqueiros internacionais privados. "Pode acontecer isso", observou o ministro, acrescentando porém "que seria mais interessante ter as duas coisas juntas". Na posição de negociador, o governo brasileiro acredita que, acertando com o Clube de Paris, o acordo com os bancos privados seria mais fácil.

O que é inegociável, e isso Funaro repisou, é ir além do artigo 4 do FMI, que estabelece um relacionamento tênue com o país-membro, com uma missão de avaliação anual e um relatório sobre o desempenho da economia. "Os bancos privados hoje têm uma posição que, acredito, qualquer artigo 4 seria suficiente, mesmo para um acordo plurianual", comentou o ministro, deixando evidenciado que, dentro do Clube de Paris, as maiores resistências são do governo



Dilson Funaro

norte-americano e, no governo dos EUA, o foco de reações estaria mais identificado no Departamento do Tesouro norte-americano.

Ao ser indagado a respeito das reações negativas do governo norte-americano com relação à insistência brasileira de não fazer um acordo com FMI, Funaro disse: "Não são todas as reações contra essa posição. Só a do Tesouro, é que é contra", sustentando que "esta é uma posição diametralmente oposta à das demais autoridades econômicas". O ministro procurou desfazer essa impressão deixada pelo governo

dos Estados Unidos, que omitiu em todos os pronunciamentos na assembléia geral do FMI o nome do Brasil como um país endividado que fez seus ajustes, alegando que na concessão do prêmio de ministro da Fazenda, pela revista Euromoney, tanto o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, quanto o secretário do Tesouro, James Baker III, elogiaram o Brasil.

Funaro participou da elaboração final do acordo do México com o FMI e acredita que esse episódio não isola o Brasil da posição de não aceitar um monitoramento do FMI. As condições são bastante diferentes das do Brasil. O México precisava de dinheiro novo e atravessa uma séria crise decorrente da queda dos preços do petróleo. O Brasil, ao contrário, não precisa de dinheiro novo e pode aguardar pela normalização da situação, com o retorno dos empréstimos voluntários ao País. "Hoje existe, a meu juízo, uma aproximação grande entre os banqueiros privados e as autoridades financeiras dos países desenvolvidos, no entendimento que o Brasil tem em relação à volta dos empréstimos voluntários ao País."